

## O Jornalista E O *Serial Killer*: Análise Das Representações Do Jornalismo Na Saga Cinematográfica Pânico<sup>1</sup>

Marcelo Luís MARTIM<sup>2</sup>  
Valquiria Michela JOHN<sup>3</sup>  
Universidade do Vale do Itajaí

**RESUMO:** Na indústria cinematográfica, existem diversas produções que trazem *serial killers* em seus enredos. O subgênero do terror *slasher movie* é um desse segmentos e explora, usa a imagem de assassinos mascarados, cenas violentas e apelo sexual como foco de seu enredo. A profissão jornalística também está presente em inúmeros longas-metragens, sendo que em muitas das vezes correlacionada à figura dos *serial killers*. A franquia de filmes Pânico (Scream) é um desses exemplos, apresenta o encontro/embate entre *serial killers* e jornalistas. Esse artigo visa analisar a relação entre os jornalistas e *serial killers* nos filmes da saga, com foco na personagem Gale Weathers (Courtney Cox) e a construção da personagem na narrativa, destacando quais as representações relacionadas ao jornalista foram construídas a partir da personagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalista; *serial killer*; cinema; personagem;

### 1. Introdução

No cinema, são inúmeras as produções que retratam os *serial killers*. O Massacre da Serra Elétrica (The Texas Chainsaw Massacre, 1974), Psicose (Psycho, 1960), O Silêncio dos Inocentes (The Silence of the Lambs, 1991) e Seven: Os Sete Crimes Capitais (Se7en, 1995) são alguns exemplos. Em muitas dessas narrativas, a atuação dos *serial killers* tem uma relação estreita com a cobertura jornalística, é o caso de filmes como Zodíaco (Zodiac, 2007)<sup>4</sup> e Assassinos por natureza (Natural Born Killers, 1994), este último uma sátira ao próprio comportamento da mídia e o fascínio *pelos serial killers*.

Entre os principais gêneros cinematográficos a explorar a figura dos assassinos em série está o *slasher movie*. Segundo Matos (2012), o *Slasher Movie* é um subgênero do terror e surgiu entre os anos de 1970 e 1980. Explora a imagem de assassinos mascarados, cenas violentas e tem apelo sexual. Na maioria das vezes, são produções de baixo custo e

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Acadêmico do 7º. período do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). E-mail: [marceloluismartim@yahoo.com.br](mailto:marceloluismartim@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Orientadora da pesquisa. Doutora em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS, professora do curso de Jornalismo da Univali. E-mail: [vmichela@gmail.com](mailto:vmichela@gmail.com)

<sup>4</sup> Este baseado na história verídica ocorrida em São Francisco, nos EUA, no final dos anos 60 e início dos anos 70, cujo assassino nunca ficou conhecido.

usam o *serial killer* como pilar para a construção de uma história. A saga Pânico (Scream), composta por quatro filmes, surgiu em 1996 e revitalizou o subgênero.

Por apresentarem aspectos culturais, sociais e políticos de uma sociedade, os *slasher movies* trazem consigo a imagem da mídia, do jornalista. Mostram o profissional exercendo a profissão, fazendo a cobertura dos fatos e, inclusive, ajudando a desvendar os mistérios presentes nas narrativas. Para esse estudo, escolhi a saga Pânico e os *serial killers* presentes nos quatro filmes como forma de problematizar a representação do jornalista em sua relação com os *serial killers*. A pergunta que norteia a pesquisa é: como é representada a relação entre o jornalismo, a partir da personagem Gale Weathers, e os *serial killers* nos filmes da saga? Tem, portanto, como objetivo examinar como é representada a relação entre os jornalistas e os *serial killers* nos filmes da saga Pânico.

## 2. A representação do jornalismo no cinema

O cinema foi fundamental para a disseminação do jornalismo. Segundo Berger (2002), a representação jornalística criada nos filmes contribui na formação de um perfil comportamental de jornalista. Ou seja, a sociedade associa esse perfil aos profissionais com os quais se relaciona. As produções cinematográficas apresentam o jornalista como um herói ou vilão em potencial. Por meio dos *newspapers movies*, o cinema revela o cotidiano da vida jornalística, como a relação com as fontes e a ética profissional. Segundo a autora,

Há filmes em que o tema é atividade jornalística, com em *Montanha dos Sete Abutres* e *O Jornal*; há outros em que, não sendo este o foco principal, como em *O Homem que Matou o Facínora*, a presença do jornalista é importante pois contribui na resolução do desfecho. Há, outros ainda, em que a profissão apenas é incluída para a composição do personagem, como modo de reforçar as características da sua personalidade. (BERGER, 2002, p.7)

Grande parte dos filmes produzidos são oriundos dos Estados Unidos e segundo Berger (2002) associam a imagem do jornalista à investigação, à aventura, à independência, ao arrojo, ao cinismo, à falta de escrúpulos e à arrogância. A autora consultou sinopses de 25 mil filmes, onde 785 foram listados, sendo que desses, 536 eram americanos; 44 brasileiros; 33 na Inglaterra; 27 na Itália; e 19 na França.

Os filmes com jornalistas mostram a profissão/profissional de diferentes formas, tanto positivamente quanto negativamente. Segundo Santos (2009), essas representações contribuem para a criação de mitos sobre o exercício da profissão e estereótipos do

jornalista e são aceitos como retratos reais pela sociedade. As principais representações atribuídas aos jornalistas, e ao jornalismo, são de herói/justiceiro e vilão.

O vilão é representado pelo profissional que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar um “furo” de reportagem. Sem caráter e trafegando pelos submundos do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos. O herói identifica-se com os valores do mundo público e defende a verdade, a democracia, o bem comum. (TRAVANCAS, 2001, p. 2)

Quanto à possível explicação para essa ênfase, sobretudo dos Estados Unidos, em retratar o ofício jornalístico no cinema, Souza (2007) destaca que “Os filmes de jornalistas geralmente retratam o processo de como os jornalistas chegam até os fatos e os transformam em notícias. Os bastidores dessa profissão, desconhecidos para a grande parte da população, sempre suscitaram grande curiosidade e encantamento nas pessoas” (p. 25).

A autora também evidencia o caráter dúbio das representações do jornalismo no cinema. Segundo ela, os *newspaper movies* “[...] ora mostram a imprensa desempenhando sua função de denúncia, contribuindo para o restabelecimento da democracia e da justiça, ora retratam a irresponsabilidade do jornalista como causadora de danos irreparáveis à vida das pessoas” (p. 25- 26). Mesmo com essas representações e ainda que possam ser vistas como estereótipos bastante simplificados, em todas essas narrativas “[...] o espectador é levado a refletir sobre a correção dos atos do jornalista e sobre a realidade nos meios de comunicação” (p. 26). Ou seja, a partir da representação do ofício jornalístico no cinema evidencia-se a chamada “crítica de mídia” pela própria mídia. “A crítica da mídia ganhou força com os *newspapers movies*. Neles, a mídia foi, pela primeira vez, colocada no foco da própria mídia” (SOUZA, 2007, p. 27). Esta crítica, no entanto, não desqualifica a profissão, ao contrário, evidencia sua importância social. Como afirma Berger (2002):

[...] a crítica [feita pelos *newspaper movies*] – por mais ácida que seja ao jornalista ou ao jornalismo como atividade social desviada pela manipulação dos fatos, corrupção das fontes e competição entre colegas – não questiona a instituição imprensa, em uma clara manifestação de concordância com a premissa segundo a qual só a liberdade permite tais denúncias. É quando jornalismo e cinema encontram-se associados para além de suas imagens – para dizer em uníssono que a liberdade de expressão é parte da democracia americana. (p. 28)

Berger (2002) e Souza (2007) destacam que há diversidade de formas como o jornalismo (e os jornalistas) aparecem no cinema, ou seja, são personagens caracterizados de múltiplas formas e que desempenham funções diversas nas narrativas “[...] que vão do mocinho ao vilão clássicos, do coadjuvante essencial à história ao personagem que faz uma breve aparição” (SOUZA, 2007, p. 26). Neste sentido, Souza (2007) aponta que há três

principais grupos de filmes em que se pode enquadrar o jornalismo: “[...] aqueles em que o tema é a própria atividade jornalística [...]; aqueles em que este não é o tema principal, mas nos quais o jornalista tem papel importante [...]; e aqueles em que o jornalismo figura apenas como profissão do personagem, traço que somente complementa sua personalidade [...]” (idem).

É neste último grupo que se enquadra a saga Pânico, que não se classificaria inicialmente como um *newspaper movie* uma vez que não tem o jornalismo como tema do enredo. A saga, porém, tem em uma das personagens centrais da trama – Gale Weathers – a identidade jornalística e sua atividade profissional como parte extremamente importante do enredo, o que seguindo a classificação de Souza (2007) permite definir cada um dos quatro filmes da saga como um *newspaper movie*. Para entender como se deu a representação do jornalismo no gênero cinematográfico o *slasher movie* a partir da saga Pânico, o foco da análise recai sobre a construção/representação da personagem Gale Weathers.

#### 4. Procedimentos Metodológicos

A saga de filmes Pânico surgiu no final da década de 90 e revolucionou o gênero de terror. Lançado em 1996, Pânico trouxe a história de um assassino mascarado obcecado pela jovem Sidney Prescott (Neve Campbell). Na história, a adolescente perdeu a mãe, que foi brutalmente assassinada. Um ano depois, seus amigos começam a ser assassinados em Woodsboro, que passa a receber ameaças via telefone do *ghostface*. Em 1h50min de filme, a jovem é perseguida pelo *serial killer* e apenas ao final revela-se na verdade uma dupla de assassinos.

Em 1997, o segundo filme (Pânico 2, 120min) foi lançado seguindo os mesmos princípios do primeiro. Dois anos após o massacre, Sidney (Neve Campbell) tenta retomar sua vida longe de Woodsboro. Mas, uma nova série de assassinatos volta a afetar sua rotina, às vésperas do lançamento de um filme baseado no primeiro massacre. No longa, o filme é produzido com base no livro escrito por Gale Weathers (Courteney Cox), jornalista que presenciou e ajudou a desvendar o mistério.

Pânico 3 (2000, 116min) acontece durante a produção de mais um filme baseado nos assassinatos de Woodsboro. *Ghostface* decide matar os atores, na mesma sequência que morrem no filme. Sidney (Neve Campbell) vive em casa de campo, isolada do mundo, mas o assassino mascarado volta atormentá-la e a obriga ir para Hollywood, onde faz grande descobertas sobre sua mãe.

No quarto filme da franquia (Pânico 4, 111min), lançado em 2011, Sidney (Neve Campbell) retorna à Woodsboro para encerrar o lançamento do seu livro “Saindo da escuridão”, onde relata como é a vida deixando de ser vítima. Ela chega no aniversário do Massacre de Woodsboro e duas jovens acabam de ser assassinadas. Desta vez, o assassino volta ameaçá-la e sua família corre risco. No longa-metragem, Jill Roberts (Emma Roberts), prima de Sidney Prescott, começa a ter seus amigos e familiares assassinados. Nesse filme, *Ghostface* grava todas mortes para posteriormente compartilhar na internet.

A série é protagonizada por Neve Campbell (Sidney Prescott), Courteney Cox (Gale Weathers) e David Arquette (Dewey Riley). Os jornalistas sempre estão presentes no filme e enaltecem o *serial killer*. Todos os filmes seguem o mesmo padrão, sempre existem dois assassinos que intercalam os crimes entre si.

Interpretada por Courteney Cox, Gale Weathers é uma das personagens mais importantes da franquia. Gale é retratada como uma repórter de TV sem escrúpulos, de personalidade forte, que faz de tudo para conseguir a sua história, seu furo jornalístico. O comportamento de personagem inclui perseguir Sidney Prescott e usar câmera escondida na expectativa de flagrar o assassino. Além disso, escreveu o livro “Os Assassinatos de Woodsboro”, onde descreve a série de assassinatos na cidade.

Neste artigo são analisados os quatro filmes da franquia Pânico (Scream), com foco na personagem Gale Weathers (Courtney Cox) e como ela se relaciona com a figura do *serial killer* e como se constrói sua personagem na narrativa. Além disso, são analisadas a caracterização física, social e psicológica da personagem, o que inclui seu figurino. As falas, diálogos também são levados em consideração.

A análise aqui realizada se insere dentro da perspectiva da análise fílmica, seguindo principalmente as proposições de Penafria (2009) e Vanoye e Goliot-Lété (1994). Segundo Penafria (2009) “Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme” (p. 2). A autora destaca que há várias possibilidades a serem seguidas, em termos metodológicos, para proceder à análise de filme, porém, aponta que de um modo geral todas elas implicam em duas etapas: “[...] em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar [...]”. Nessa mesma perspectiva, Vanoye e Goliot-Lété (1994) explicam que:

[...] analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, assim como se analisa, por exemplo, a composição química da água, decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente “a olho nu”, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do

texto filmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. Através dessa etapa, o analista adquire um certo distanciamento do filme. Essa desconstrução pode naturalmente ser mais ou menos aprofundada, mais ou menos seletiva segundo os desígnios da análise. (VANOYE e GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p. 15)

Dentre as possibilidades de análise filmica, Penafria (2009) aponta: a) análise textual, b) análise de conteúdo c) análise poética e d) análise da imagem e do som. Como nesta pesquisa se optou por analisar as representações do jornalismo, ou seja, numa temática específica abordada pela narrativa, com foco na construção da personagem, insere-se na abordagem que Penafria (2009) define como sendo a análise de conteúdo. Esta, segundo a autora “[...] considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme [...]. Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema. [...].

Foi justamente o processo de “desconstrução” da narrativa que norteou a condução da análise. Ou seja, cada filme foi minuciosamente decomposto em termos de descrição de cenas e sequencias bem como das falas dos personagens considerados na análise. Para tanto foi elaborado um formulário em que foram transcritas todas as falas e tempo de duração das cenas e sequencias que envolviam as personagens analisadas, sendo elas a jornalista Gale Weathers e sua relação com os assassinos de cada uma das quatro narrativas bem como, em alguns momentos (quando diretamente relacionado ao contexto dos assassinos) a protagonista Sidney Prescott. Portanto, dentro dos elementos que compõem a narrativa de um filme, aqui priorizou-se a questão das personagens uma vez que o foco é justamente a representação do jornalismo no enredo. Para a análise das personagens, consideraram-se as categorias de representação do jornalismo no cinema, destacadas no tópico 3, bem como as proposições quanto à construção de personagens no cinema, seguindo as proposições de Brait (1989) e Pallotini (1989).

## **5. Análise e discussão dos resultados**

Com a análise dos quatro filmes é possível perceber que Gale Weathers (Courtney Cox), segundo Brait (1989), é uma personagem redonda, pois é multifacetada e apresenta várias qualidades ou tendências. Por sua vez, ainda de acordo com Brait (1989), os assassinos se apresentam como personagens planos, construídos com base em uma única ideia ou qualidade e beiram à caricatura, conforme pode-se perceber no quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização das personagens (jornalista e *serial killers*)

Personagem	Classificação	Caracterização		
		Física	Social	Psicológica
Gale Weathers	Personagem redondo	Magra, cabelo castanho, pele clara. Vestimenta e aparência segue o padrão de beleza quando o filme é lançado	Jornalista, escritora, esposa de Dewey Riley	Persistente, determinada, caráter duvidoso, egoísta, manipuladora
Billy Loomis Assassino filme 1	Plano (tipo)	Moreno, corpo atlético, pele clara	Estudante e namorado de Sidney Prescott	Obsessivo, vingativo, manipulador
Stuart "Stu" Macher Assassino filme 1	Plano (caricatura)	Loiro, alto, pele clara	Estudante e amigo de Sidney	Manipulável
Debbie Salt/Sra. Loomis Assassino filme 2	Plano (caricatura)	Cabelo curto, castanho. Vestimenta formal	Jornalista e mãe de Billy Loomis	Obsessiva, vingativa e manipuladora
Mickey Alteri Assassino filme 2	Plano (tipo)	Moreno, corpo atlético	Estudante e amigo de Sidney Prescott	<i>Serial Killer</i> , manipulável
Roman Bridger Assassino filme 3	Plano (tipo)	Cabelo curto e castanho. Estatura alta	Diretor de cinema e irmão de Sidney Prescott	Inteligente, vingativo
Jill Roberts Assassino filme 4	Plano (tipo)	Magra, cabelo longo castanho. Vestimenta jovem	Estudante e prima de Sidney Prescott	Inteligente, manipuladora, egoísta
Charlie Walker Assassino filme 4	Plano (tipo)	Jovem, cabelos longo castanhos. Magro e fã de filmes	Estudante e amigo de Jill Roberts	Manipulável e inteligente

Fonte: elaborado pelo autor com base em Brait (1989)

Como se vê pelo quadro, Gale Weathers (Courtney Cox) é a única personagem a ter uma caracterização mais complexa, os assassinos são geralmente caricatos e embora demonstrem alguma “esperteza” ao longo das narrativas, são sempre “desmascarados” e vencidos, e em todas as vezes com intensa participação da jornalista nesse processo, já evidenciando sua representação heroica, como se verá no detalhamento de cada uma das narrativas analisadas. Esse primeiro aspecto já aponta também uma singela diferença em relação às representações do jornalista nos *newspaper movies*. Souza (2007) aponta que eles costumam ser trabalhados a partir de estereótipos bem pré-definidos, ao menos em termos de seu caráter, para que não fiquem dúvidas ao espectador quanto às suas intenções. No caso de Gale, ela transita entre as dimensões de heroína/vilã e tem um caráter um pouco mais complexo de se identificar, sobretudo no primeiro filme.

Gale é um repórter de televisão e sua representação em *Pânico* está em sintonia com o que aponta Souza (2007) quanto às transformações do jornalista no cinema ao longo das décadas. Segundo a autora, “Na década de 70 um novo profissional invadiu as telas: o



jornalista de televisão” (p. 39). Diferente do boêmio, mal vestido e geralmente mal pago de outras, o jornalista de TV passa a ser representado de outra forma, ainda que reforce antigos estereótipos. “Mais bem remunerado, esse indivíduo foi vastamente retratado como um sujeito vaidoso ao limite, esnobe, com uma preocupação excessiva com sua imagem e sua repercussão junto ao público”(p. 40). Entre as transformações na representação do jornalista a partir da TV, Souza (2007) destaca a visibilidade da jornalista mulher, até então praticamente ausente dos *newspaper movies*, aspecto evidenciado nos filmes que têm em Gale a representante mor do jornalismo.

Nessas produções, a imagem do jornalista ganhou visibilidade, passou a ser tão importante quanto seu nome. Os personagens passaram a ter mais preocupação com a aparência, no intuito de cultivar uma imagem que transmita uma marca pessoal de confiança, fê e credibilidade. Entra em cena a vaidade sem limites, mais uma arma na acirrada luta pela audiência (SOUZA, 2007, p. 47)

Características essas que estão presentes em Gale, evidenciadas em sua caracterização física e social ao longo dos filmes. Algumas dessas características ficam mais evidenciadas em alguns dos filmes, como será a seguir.

### 5.1 Filme 1

A história começa um ano após o assassinato brutal de Maureen Prescott, mãe de Sidney Prescott (Neve Campbell), com a morte de uma jovem. Toda a imprensa nacional se desloca para a cidade de Woodsboro e surgem a suspeita se existe relação entre as mortes. Em seguida, Sidney (Neve Campbell) começa a receber ligações do assassino misterioso. Com o passar do tempo, a jovem passar a receber ameaças constantes, além de perder amigos e conhecidos mortos pelo *serial killer*. Em meio a tudo isso, os veículos de comunicação sempre ficam em cima de Sidney (Neve Campbell) e da polícia local para descobrir quem está por trás dos crimes. Gale Weathers (Courtney Cox) é quem ganha destaque na trama como jornalista, que não mede esforços para conseguir o “furo” da notícia.

Em 110 minutos de filme, Gale Weathers (Courtney Cox) aparece em 16 cenas, totalizando 17min13s. Dentro disso, em 10 cenas está como jornalista, sendo que em uma delas, ela fala sobre Jornalismo. Como podemos ver nesse trecho:

**Gale:** – As pessoas me tratam como o anticristo do jornalismo na televisão. Eu não acho que seja assim tão má.

Além disso, em 11 sequências em que ela se encontra fala-se sobre os assassinos, evidenciando sua importância no desfecho dos crimes.



O primeiro contato entre a jornalista e Sidney Prescott (Neve Campbell) acontece na delegacia, após a jovem ter sofrido o primeiro ataque. A abordagem de Gale (Courtney Cox) é invasiva, colocando o microfone e câmera direto em Sidney (Neve Campbell), que ainda está abalada. Ao final da cena, a jovem dá um soco em Gale (Courtney Cox).

Na cena em que Gale (Courtney Cox) começa a questionar Sidney (Neve Campbell) se as mortes têm relação com o assassinato de sua mãe e se o verdadeiro assassino realmente tinha sido preso, a jornalista reforça a representação do jornalismo sensacionalista. Conforme Angrimani (1994) “ Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso”. (p.16). Podemos perceber o sensacionalismo no diálogo entre as personagens:

**Gale:** - O assassinato da sua mãe foi o caso mais importante do ano passado. Alguém iria escrever um livro a respeito disso.

**Sidney:** - E foi você com suas mentiras e teorias de merda.

(...)

**Sidney:** - Durante o julgamento escreveu coisas sobre mim, me chamando de mentirosa.

**Gale:** - Achei que você fez uma identificação errada sim.

Ainda na mesma sequência é possível perceber que Gale (Courtney Cox) busca ser a “estrela”, como pode-se ver novamente no diálogo entre a repórter e Kenny, o cinegrafista:

**Gale:** - Jesus Cristo. Um homem inocente no corredor da morte e um assassino anda solto! Diga que estou sonhando.

**Kenny:** - Quer entrar ao vivo?

**Gale:** - Não, não tão depressa. Não temos nada concreto.

**Kenny:** - Isso é grande. Deve fazer.

**Gale:** Eu sei. Por isso preciso de provas. Se estiver certa poderia salvar a vida de um homem. Sabe como isso ajudaria na venda de meus livros?

Ao final do filme, a repórter se apresenta como a salvadora, a heroína da história, ao ameaçar os assassinos Billy (Skeet Ulrich) e Stu (Matthew Lillard), como podemos perceber no diálogo:

**Billy:** - Achei que ela estava morta.

**Stu:** - Parecia que estava, cara. Ainda parece.

**Gale:** - Tenho um final para vocês. A repórter dada como morta no furgão das notícias retorna e dá de frente com os dois desgraçados. Encontra a arma, estraga seus planos, e salva o dia.

**Sidney:** - Gosto desse final.

O filme 1 gira em torno de tudo pelo “furo” da notícia, isso pode ser confirmado ao final do filme, que mesmo machucada, Gale (Courtney Cox) aparece gravando sua

reportagem para a televisão. A imagem do jornalista fica em evidência, reforçando a representação do jornalista de TV apontada por Souza (2007).

## 5.2 Filme 2

O segundo filme acontece dois anos após o massacre de Woodsboro. Sidney (Neve Campbell) tenta retomar sua vida agora na faculdade. Mas, novos assassinatos afetam sua vida. A trama se passa às vésperas do lançamento do filme baseado no primeiro massacre. No longa, o filme é produzido com base no livro escrito por Gale Weathers (Courteney Cox). As mortes acontecem da mesma forma que o primeiro filme, as vítimas são esfaqueadas.

Em 120 minutos de filme, Gale Weathers (Courteney Cox) está presente em 13 sequências, totalizando 30min03s. Dentro disso, em seis cenas em que ela se encontra fala sobre assassinos. Na primeira sequência do filme em que a jornalista aparece é possível perceber a mudança na representação visual.

Novamente Gale Weathers (Courteney Cox) é apresentada como a figura da jornalista justiceira, com viés “sensacionalista” (ANGRIMANI, 1994). Isso é possível perceber quando ela coloca Sidney (Neve Campbell) cara a cara com Cotton Weary, que foi quem a jovem acusou e condenou de ter matado sua mãe. É possível perceber traços do sensacionalismo no diálogo entre as personagens:

**Gale:** - Estamos aqui com Sidney Prescott que vê pela primeira vez Cotton Weary desde que o acusou injustamente de ter matado a sua mãe.

**Sidney:** - O que diabos está fazendo?

**Gale:** - Queremos saber como se sente, o que fez nesses últimos dois anos.

**Cotton:** - Sidney, só quero dizer que já esqueci e perdoei, e que como você quero viver a minha vida.

**Gale:** - Tem algum comentário?

**Sidney:** - Sua Vaca!

**Gale:** - Ah-ah. Sidney, compartilhe conosco...

**Sidney:** - Irei compartilhar com você!

Assim como no primeiro longa-metragem, Sidney (Neve Campbell) bate na jornalista.

Em vários momentos, Gale (Courteney Cox) é tratada como “jornalista estrela” pelos outros veículos de comunicação, que tenta entrevista-la sobre os crimes e se existem relação entre eles. É possível perceber isso no diálogo entre a repórter e Debbie Salt/Sra. Loomis (Laurie Metcalf), uma jornalista local que mais tarde se revelaria ser uma das assassinas e mãe de Billy Loomis (Skeet Ulrich), assassino do primeiro filme.

**Sra. Loomis:** Me desculpe, Srta. Weathers. Tem um minuto?

**Gale:** Não.

**Sra. Loomis:** Apenas um segundo? Isso deve acontecer com você a toda hora, mas eu quero dizer que sou fã de seu trabalho e acabo de ler o seu livro. Não conseguia parar! É perspicaz, direto... eu realente o amei.

**Gale:** - Obrigada.

**Sra. Loomis:** - Certo. Também escrevo e sou repórter do jornal local, o Post Telegraph. Debbie Salt. Frequentei o seu curso em Chicago, no ano passado. Era a da fila da frente, sempre fazendo as perguntas...

Em outro momento, os papéis se invertem e Gale (Courtney Cox) passa a ser tratada como fonte pelos outros jornalistas.

**Sra. Loomis:** - Gale, oi. Então, o que você acha disso? E o pai de Sidney? Não foi considerado suspeito? Bem, está no exterior à negócios, não te soa meio estranho isso?

**Gale:** - Não vim aqui para fazer o seu trabalho, Srta. Salt.

No clímax do filme, com os assassinos já revelados, Gale (Courtney Cox) é a heroína novamente, uma nova redenção ao levar um tiro. Na mesma sequência que acontece no teatro da universidade, aparece a perspectiva do cinema como crítica de mídia, tal como apontado por Berger (2002). O filme critica a glamourização do *serial killer* realizada pela mídia, sobretudo pelo jornalismo, ao menos tempo que a própria narrativa tem com mote a temática o que implica em crítica sobre si mesmo. Sobre a importância do cinema na evidência dos assassinos em série, Matos (2012) destaca que “Através do imaginário a sociedade representa seus conflitos, e assim o cinema tornou-se o principal referencial sobre *Serial Killers*, levando em conta a enorme produção de filmes e da popularização acerca do tema, especialmente nos EUA”. (p.67). Essa “glamourização” ou evidência pode ser percebida na fala da própria assassina, a Sra. Loomis, quando diz:

**Sra. Loomis:** Só há 97 serial killers ativos no país, neste momento, portanto o Mickey foi um achado. Ele é único...tudo que precisava era um pouco de direção e educação.

O filme 2 apresenta, portanto, uma relação estreita entre o jornalista e o assassino, inclusive fazendo do jornalismo a profissão de um deles o que também evidencia uma espécie de “crítica da mídia pela própria mídia”. Neste contexto, Gale assume uma posição novamente heroica como se confrontando o “bom” x o “mal” jornalista.

### 5.3 Filme 3

A história do terceiro longa se passa durante a produção de outro filme baseado nos assassinatos de Woodsboro. Sidney (Neve Campbell) vive em casa de campo, isolada, mas *Grothouse* a obriga ir para Hollywood, onde ela descobre que sua mãe foi uma atriz antes de seu nascimento e deixou um filho para trás. O assassino mata os atores, na mesma ordem

que morrem no filme que está sendo produzido. Pereira (2007), citando o estudo de Andrade (1999), destaca que uma das formas de metalinguagem no cinema é quando o próprio discurso cinematográfico aparece na narrativa, “[...] dando ao espectador a noção de um filme sendo realizado” (p. 25 ). O autor ainda explica que esse tipo é o de “metalinguagem na estrutura”, e este “faz referência ao próprio código cinematográfico. Aí se pode incluir também o chamado ‘filme dentro do filme’” (idem). É justamente o que ocorre no filme 3, a produção de um filme, dentro do filme, é o condutor da narrativa. Embora em todos os quatro filmes isso esteja presente, é no terceiro que mais se percebe o uso da Metalinguagem como forma de evidenciar a crítica trazida pela narrativa na relação mídia e *serial killers*.

Em 116 minutos de filme, Gale Weathers (Courtney Cox) está presente em 42min22s, ou seja, 22 sequências. Dentro disso, 13 cenas falam sobre os assassinos.

Logo no início do filme, a jornalista aparece dando uma palestra para acadêmicos de Jornalismo e fala que devem fazer de tudo para conseguir suas histórias. Na fala da personagem é possível perceber novamente a caracterização do sensacionalismo:

**Gale:** - Como futuros jornalistas da América, precisam se lembrar: ser o melhor é estar disposto a fazer o que os outros não querem. Infrinjam regras, não se detenham. Mesmo que provoquem ódio, porque só assim conseguirão a história, os fatos... e a fama.

No terceiro filme da franquia, a figura do jornalista praticamente some. Gale Weathers (Courtney Cox) é chamada pela polícia para ajudar nas investigações. Ou seja, ela toma o papel de investigadora, onde é possível relacionar com a do jornalista justiceiro que quer buscar o culpado a todo custo e, em alguma medida, a representação do jornalista heroico.

#### 5.4 Filme 4

No quarto e último filme da franquia, Sidney (Neve Campbell) retorna à cidade natal para encerrar o lançamento do seu livro. Ela chega no aniversário do Massacre de Woodsboro. E novamente, volta a ser ameaçada pelo assassino. Nesse longa, o assassino grava as mortes, para que assim, possa produzir seu próprio filme. Jill Roberts (Emma Roberts), prima de Sidney Prescott, começa a ter seus amigos e familiares assassinados.

Em 111 minutos de filme, Gale Weathers (Courtney Cox) aparece em 22 min21s, totalizando 12 sequências. Dentro disso, sete cenas falam sobre os assassinos. No longa acontece uma inversão de papéis. Agora casada, Gale passa a ser jornalista estrela e

escritora de livros. Ela decide trabalhar por conta própria para descobrir quem são os assassinos.

Gale Waethers (Courtney Cox) tenta recrutar estudantes do colégio de Jill Roberts (Emma Roberts) para ajudar a desvendar o mistério. Ela cita duas gerações do Jornalismo trabalhando juntos, isso é possível perceber no diálogo com os estudantes:

**Gale:** Com licença, está gravando com isso?

**Charlie Walker:** Para o blog dele, está transmitindo agora mesmo.

**Gale:** Pode desligar um pouco, no velho estilo extraoficial?

**Robbie Mercer:** Não posso, meu público merece.

**Gale:** Desliga essa merda!

**Robbie Mercer:** Está bem.

**Gale:** Então, vocês que comandam o clube de filmes do colégio?

**Robbie Mercer:** Charlie comanda, sou vice-presidente. Caso ele seja baleado.

**Charlie Walker:** Se chama Clube de Cinema.

**Gale:** Então devem conhecer os fanáticos da escola?

**Charlie Walker:** Talvez.

**Gale:** E se trabalhássemos juntos para pegar o assassino? Duas gerações de jornalistas de ponta juntando sua paixão pela mídia? O que diria?

A saga novamente usa metalinguagem para falar sobre a glamourização do *serial killer* nos novos cenários do cinema/audiovisual. Isso é possível perceber na sequência que se passa no clube de cinema:

**Gale:** Espera, como assim?

**Charlie Walker:** Para ser uma versão atual, o assassino deveria estar gravando os assassinatos.

**Robbie Mercer:** Seria o próximo passo na inovação dos massacres. Os filma em tempo real e posta na internet antes que seja pego.

**Charlie Walker:** Fazendo sua obra tão imortal quanto você. Não acusando ninguém.

**Sidney:** E quem acha que está por trás dos assassinatos?

**Charlie Walker:** É um fanático por "A Facada", sem dúvida. Querendo reinventar, mas sem perder a história passada.

Neste filme, é Gale (Courtney Cox) quem descobre o verdadeiro assassino, Jill Roberts. Ela junta todas as informações e faz a descoberta evidenciando uma representação de jornalista investigativa, novamente a figura heroica.

### Considerações finais

O jornalista, ou seja Gale Weathers (Courtney Cox), exerce papel fundamental no desfecho da narrativa ao longo de todos os filmes da saga. Ela sempre esteve presente nos confrontos finais entre Sidney Prescott (Neve Campbell) e os assassinos. Além disso, a jornalista sempre ajudou a mocinha a matar os assassinos, se tornando assim a “jornalista heroína”.

É possível perceber que o filme traz traços da imprensa sensacionalista, sendo a própria Gale Weathers tratada como sensacionalista. A mídia acaba interferindo no enredo da história, principalmente na descoberta dos fatos. A mídia, por intermédio de Gale, diversas vezes ajudou a polícia a desvendar os crimes. A jornalista foi sempre retratada como mais esperta, sagaz e articulada dos que os próprios policiais.

Além disso, os filmes reforçam, com uso da metalinguagem, a crítica à glamourização dos *serial killers* e evidencia, conforme aponta Michaud (1989) que “a violência é por princípio um alimento privilegiado para a mídia”.

Os filmes ainda reforçam as principais representações atribuídas aos jornalistas que são de herói/justiceiro e vilão. De acordo com Travancas (2001), o herói defende a verdade, a democracia, enquanto o vilão é aquele profissional que não mede esforços para conseguir seu objetivo. A personagem Gale Weathers (Courtney Cox) se encaixa e oscila em ambas as situações.

A partir da análise da personagem Gale Weathers e sua relação com os assassinos em série da saga Pânico, pode-se perceber que mesmo as quatro narrativas não sendo propriamente do gênero *newspaper movies*, tal como apontado por Berger (2002), elas reforçam estereótipos presentes nos “filmes de jornalismo” e o associam à lógica da metalinguagem e da crítica da mídia pelo cinema, até mesmo a crítica ao próprio cinema. Convidam, a partir da forma como Gale se relaciona com os assassinos e com a protagonista, à reflexão quanto à glamourização promovida pelo jornalismo da figura do *serial killer* bem como o impacto do jornalismo sensacionalista e da forma como a própria figura do jornalista se sobressai a da notícia nesse contexto. Correlacionar a forma como Gale é representada com outros personagens jornalistas de *slasher movies* ou outros gêneros que tenham como foco a temática dos *serial killers* mostra-se como um caminho interessante para aprofundar a problematização desse contexto em que o cinema age como agente provocador da reflexão quanto à prática jornalística.

## Referências

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

BERGER, Christa (Org.). **O Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Editora Ática, 1985.

CASOY, Ilana. **Serial killer: louco ou cruel?** 6. ed. São Paulo: Madras, 2004.

MACÊDO, Carolina Ruiz de. A Representação do Ethos Jornalístico no Cinema: da premissa teórica da verdade ao mundo cão das rotinas.

MATOS, Daniel Ivori de. *Serial Killers* e imaginários sociais: uma crescente filmografia. **Revista de História da UEG**, v. 2, n. 1, p. 59-82, 2013.

\_\_\_\_\_. *Slasher movies: serial killers* e imaginário social. **Anais...** III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina, 03 a 06/05/2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Daniel%20Ivori%20de%20Matos.pdf>

NEWTON, Michael. **A enciclopédia dos serial killers**. São Paulo: Madras, 2005

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: a construção do personagem**. Editora Atica, 1989.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em 18/09/2015.

PEREIRA, Marco Antonio Monteiro. **A metalinguagem no cinema: um estudo do discurso metalinguístico presente na obra de Woody Allen**. Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo. Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI/BH. Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, Macelle Khouri. **Um olhar sobre o jornalismo: Análise da representação do jornalismo no cinema hollywoodiano, de 1930 a 2000**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, Florianópolis, 2009.

SOUZA, Nicole Fajardo Maranha Leão de. **As Multifaces do Jornalista-Herói no Cinema: Uma Análise de A Montanha dos Sete Abutres e Todos os Homens do Presidente**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Comunicação Social da UFJF, 2007.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. SP, Summus Editorial, 1993

\_\_\_\_\_. *Jornalista como personagem do cinema*. **Anais...** Intercom 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2TRAVANCAS.pdf> >. Acesso em 1/11/2015.

VELLASQUES, Camila Tersariol. **O perfil criminal dos serial killers**. Trabalho de Conclusão de curso. Faculdade de Direito, Presidente Prudente, 2008.

ZULIAN, Jocemar de Carvalho; LACERDA, Luana de Teixeira. *O jornalismo no cinema: como a sétima arte reproduz o profissional da comunicação*.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.